Restolho

A Dívida

Depois de escrever "A Dívida", continuei integrad com uma amizade que não me saía da cabeça. Era uma amizade desde pequeno, dos tempos da Telescola, em que ainda não sabíamos quem queríamos ser e brincávamos na aldeia como tantos outros rapazes, agora e dantes. Fiquei de soslaio na percepção quando percebi que ele já não se preocupava comigo, pois há mais de um ano que não falava com ele. Durante a tese, um outro amigo próximo me deixara, mas desta feita de forma definitiva, ou seja, enquanto uns diziam que ele se tinha matado, outros que sofrera um AVC. Eu só percebi que era coisa grave quando fui aos HUC visitá-lo, à boleia desse meu amigo…
A dívida era também uma dívida de amizade, que eu de certo modo ainda queria cobrar, ou seja, nunca havia entrado no registo sentimental dele ou se tal acontecera, nunca havia saído (de mim), pois continuava a sentir afeto por ele…

Depois, pensaei, após dois goles de água fresca do frigorífico: era gay ou era chato. Um chatarrão dos piores. Porque procurava a mulher dos meus sonhos? Seria essa demanda infinita? Porque me preocupava tanto? Nem todos os filósofos, seja o que for, o faziam, muitos até não se preocupavam nada com muita coisa ao mesmo tempo, como aquele concorrente da Casa dos Segredos, o Ivo…

Quando namorara Magna, em Pombais, sentia um stress mental bastante violento, de lá para cá havia passado muito tempo. Mas eu não a esquecera, daí a minha veia poética. Depois, Lora, com quem estivera para casar. O dote, o enigma do sentimento, além do princípio do prazer…eis o que me preocupava, assumir socialmente qualquer coisa, todos aqueles que estudaram Teologia são chatos q.b., até satura… Eu emtera-me por caminhos que agora não ousava mais em trilhar, nem

sequer queria dar guarida a jovens católicos para a Jornada Mundial da Juventude, não sentia nenhuma espécie de obrigação em o fazer, advinda do facto de frequentar a Igreja…

Portanto, não esqueçera esse meu amigo de infância e talvez ele, sem o saber, sem o querer, fosse o meu único obstáculo à realização com as mulheres, um nó na garganta que eu não cosneguia desfazer… Que fazer, então?

Seja como fôr, eu precisava dele, da ideia dele na minha cabeça e, nesses dias, pensava ainda em sexo, como muitos pensam, várias vezes, mais ou menos, ao longo do dia, mas a minha vida nada tinha de especial, não tinha chama, não tinha desvelo e ardor algum…

Então, neste contexto, a necessidade da prova que muitos experimentam, tem que ver com qualquer coisa de conceptual? E como funcionam os valores nesse aspecto, ou seja, quando formatamos a mente para certos princípios da realidade, herdados ou adquiridos, acabamo por esatr mais protegidos, porque a dúvida, como a dívida, é um lugar incerto, fora da caixa, a maior parte das vezes tumultuoso, ous eja, um dia haveremos de encontrar paz, pois "tantas vezes vai o cântaro à fonte que se acaba por partir" e, ainda, "água mole em pedra dura tanto bate até que fura" e, por fim, "não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe"…

Tinha de parar, ou continaur de outra forma, a solidão a que me acometera desde há anos, estava desligando-me da sociedade, a filosofia das coisas simples, o estertor das cigarras no calor do verão, nos campos em redor da casa dos meus pais….

O meu velhote estava com arterioesclerose, ele que sempre fora uma pessoa activa, que se interessava pela vida estava smepre coupado, passava o tempo em frente à televisão e não ia mais ao café pois havia esmurrado o nariz nos degrau da sala de estar. A minha mãe, com a mesma idade, cuidava dele e sentia-a, apesar de tudo, feliz, quer comigo quer com os meus irmãos, até então, a jornada não havia sido gloriosa, mas sim, de alguma maneira, positiva, sendo que prometia mais, muito mais, nos tempos seguintes…

Seja como fôr, singrava no espaço do meu pensamento, noe spaço contemplativo que me era permitido ter em meu redor, na verdade procurava também sair do solipsimo enquanto filósofo e,a través da filosofia, furar o "balão" do Tempo…

Victor Mota